

# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário

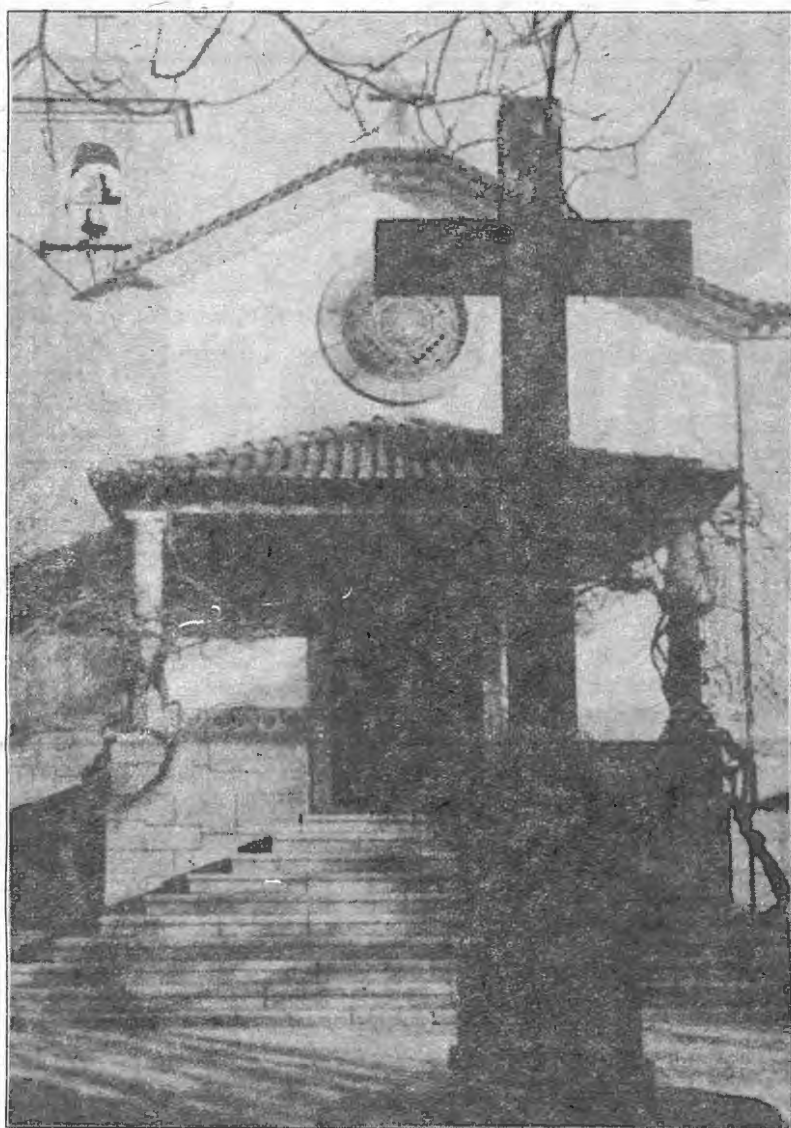
25 de Março de 1989

Ano XLVI — N.º 1175 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



No largo da Capela da nossa Aldeia, Pai Américo ergueu um sinal da Páscoa — cruceiro cinzelado pelos artistas da civilização do granito — e uma expressiva legenda esculpida na pedra: *Crux stat dum mundus volvitur. Tudo passa, só a Cruz fica.*

## P Á S C O A

**E**SCREVO esta nota em manhã de sol. A nossa Aldeia está linda, enfeitada com o granito das Casas, a verdura das plantas, as flores das ameixeiras e dos arbustos dependurados nas rampas. No centro ergue-se a Cruz de pedra que, no silêncio, fala do Amor louco de Deus-Pai para connosco.

Nós passamos. As coisas e o tempo passam. Só a Cruz permanece como sinal, qual fonte donde jorra a vida da Ressurreição.

A Páscoa é Cruz e Ressurreição. É passagem da morte para a Vida. Aqui, o Amor é causa e efeito. Quem morre por Amor ressuscita por força do Amor. Mergulhamos, assim, no segredo, que se não pode explicar, da felicidade sem limites. Por isso a Páscoa está no Centro da vida do crente e, porque não dizê-lo?, do ser humano. Claro, estas afirmações só se entendem quando se vive o que elas contêm.

Quem morre por Amor ressuscita. Quem pega na sua cruz e ajuda a levar a dos outros, ressuscita com eles. A Páscoa é um mistério comunitário. Doutrina não se entende e, por isso, não se vive. O Senhor Jesus, ao ser levantado na Cruz, levou consigo as nossas misérias — sinais de morte — com todos os nomes que lhes queiramos dar. Ao ressuscitar, do mesmo modo levou consigo a vida de filhos, salvos, que está em todos nós.

A Páscoa é um mistério comunitário. Não posso dizer, com verdade, que celebro a Páscoa, se não levar comigo a cruz dos meus irmãos e morrer nela juntamente com eles. Não posso dizer, com verdade, que celebro a Páscoa se

não levar comigo, na alegria, a vida de meus irmãos.

Num destes dias, duas irmãs chegaram ao cimo da avenida da Aldeia e foram dar à casa-mãe. Uma, tem 5 filhos, o mais velho com 11 anos. A outra, tem duas meninas. Cansadas, andaram alguns quilómetros a pé. Bem quiséramos que o não tivessem feito, que o carteiro traria a carta com as suas pretensões.

Sentamo-nos. Em momentos como estes a nossa obrigação é escutar. O Pobre carrega a cruz da sua vida e necessita de quem o oiça e lhe dê a mão. O assunto era da casa onde vivem, que só tem metade do telhado e as portas e janelas ainda não estão feitas. O chão esburacado da cozinha e dos quartos aguarda o cimento e os mosaicos ou tacos. São peixeiras que passam grande parte do dia com a cesta à cabeça para juntar algum dinheiro ao do marido e levá-lo, de seguida, à mercearia. As palavras delas tinham o sabor da verdade.

Não as deixei regressar a pé, que senti necessidade de ver, sofrer, para, depois, gozar a alegria de uma casa aconchegada. Quis pegar na sua cruz e caminhar com elas para levar também com elas a alegria da Páscoa. As portas e janelas já estão encomendadas. À hora em que os sinos da sua freguesia

Continua na página 4

## CALVÁRIO

★ Já aqui dissemos dos pedidos incessantes de admissão de deficientes e de tantas situações aflitivas.

A sociedade actual, sófrega de bem-estar e colocando Deus no canto cómodo dos santeiros e velinhas, conduz as famílias à rejeição dos seus deficientes. Sem capacidade para o amor e o sofrimento, o doente torna-se um estorvo e uma prisão. E vai de um bater às portas das Instituições, como no tempo dos nossos avós os Pobres batiam para pedirem pão.

Ele é o Serviço Social por falta de resposta para a maior parte dos casos; os hospitais rejeitando os incuráveis a favor dos recuperáveis; são as próprias famílias — umas, por comodismo, outras, por carências ou falta de espaço; e são as paróquias onde as comunidades cristãs não descobriram ainda o Evangelho.

«Como vai aquela pobre família resolver o caso do seu paralítico vivendo num cortelho e sem recursos?» — dizia-me, há tempos, um pároco.

Cabe aqui a nossa reflexão:

Também numa paróquia onde actua uma Conferência Vicentina surgiu um caso semelhante. Logo, um grupo de famílias, conscientes do «Evangelho na vida», tomaram conta e, um dia por semana, vai cada uma tratar o deficiente.

Processo lindo e maravilhoso! Oportunidade feliz que aquelas famílias aproveitaram para tratarem do Senhor em vez de O atirarem para um casarão qualquer onde, nem sempre, moram o amor e a alegria de viver.

«Vinde... pois tive fome... Andava nu... e vós Me acolhestes...»

Na sua mensagem da Quaresma diz o Santo Padre: «Saibamos alargar a nossa mesa para acolher os mais pequenos e os mais fracos».

Que belo poema Pascal!

Que suave canção!

★ «Encosta p'ra lá» — diziam os nossos gaiatos mais velhos, em África (que viviam numa quinta depois do Estado ter ocupado a Casa do Gaiato), sempre que, à hora do almoço, chegava mais um gaiatinho

Continua na página 4

## HABITAÇÃO

### — problema primeiro

Família e Lar são palavras existencialmente sinónimas, de impensável que é o ser da primeira sem o ter onde estar que a segunda lhe proporciona.

Fosse a gruta das civilizações primitivas ou, ainda hoje, nas zonas polares; seja a tenda dos nómadas; seja a palhota dos climas tropicais — é impossível a união sem lugar para reunião. Até os animais procuram toca, constroem um ninho... E as plantas, não tendo onde se fixar, não subsistem. O habitat é condição de vida. Se ele falta ou há desajustamento entre o ser e o seu habitat, a vida extingue-se.

A casa é uma necessidade fundamental do homem. É o seu habitat. É um problema primeiro a resolver para a constituição de uma família. A falta dela está na base da destruição de muitas famílias. É uma

carência que afecta a própria Instituição familiar. Todos o sabemos.

Também sabemos do défice enorme do nosso parque habitacional. Por isso nos choca que «Portugal caminhe ao arrepio das tendências europeias», nas quais «se nota um recrudescimento da ênfase posta na política de habitação». Por cá a ênfase está posta nas obras públicas, estruturais e infra-estruturais, decerto necessárias, algumas mesmo urgentes, mas de prosseguir equilibradamente, em harmonia com o crescimento da construção residencial.

Estes dias, vi notícia do concurso público «para a empreitada dos tectos falsos e armaduras de iluminação do edifício-sede da Caixa Geral dos Depósitos»

Continua na página 4



## DOCTRINA



Revoada de andorinhas...

• As ofertas, de hoje, foram pedidas de porta em porta, em horas deliciosamente amargas e humilhantes; umas alegres e generosas, outras choradas e muito discutidas. A gente ouve, cala, e guarda tudo no coração para assim poder pregar, aqui, a Vida com a vida.

• A inscrição dos colonos continua aberta. As famílias trazem os pequeninos pela mão, todos com seu passaporte no rosto e no traje, pelo que encontram braços abertos e caminho desembaraçado. A fome deles aparece sobre a mesa da Colónia (de Férias), na maneira como atacam os pratos; vê-se no pavor da ameaça de serem mandados embora; sente-se na cor e nos quilos com que se retiram; e, finalmente, apalpa-se nas lindas cartas das mães pedindo aos filhos que se portem bem, para merecerem estar até final.

• Vêm do sótão, da cave, da toca, do tugúrio. Um jornal da terra cortou-me, numa vez, estas palavras: «Que não; em Coimbra não há tugúrios». Como se a ignorância afectada tirasse ou diminuisse responsabilidades! A caridade é que vê tugúrios; a caridade é que enxuga lágrimas; a caridade é que mata a fome; a caridade é que causa no coração do Pobre visitado o doce murmúrio do «ai! que parece que também já foi pobre, pelo bem que nos compreende e pelo muito que nos ama!».

• É tão fácil seguir e acreditar no mundo que se diverte, como é difícil conhecer e consolar o mundo que sofre. Muito mais fácil fazer derramar lágrimas do que saber enxugá-las. Mais cómodo dizer que não há tugúrios do que chorar a existência deles.

• Vem gozar a manhã de Santiago, à Portagem (Coimbra). Vem ver uma data de pequeninos em pé de guerra, guerra santa; e repara na bandeira invisível que os cobre a todos: não tem quininas, mas tem a Cruz e chama-se a Caridade.

*Padre Acílio*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

# Património dos Pobres

Anda mais eu às serras do interior beirão. O sossego das alturas faz bem. Tonifica. As voltas são muitas, mas em cada uma um quadro novo nos espera e encanta.

Aqui, a cordilheira rochosa, vinda de longe, desce a encosta abruptamente e mergulha no vale majestoso, para de novo subir às alturas, quase a prumo, até encontrar as núvens brancas no céu. Fio de água murmura no vale, escondido, por vezes, nos penedos e nos salgueiros. Enorme arco de betão encosta-se às rochas e transforma o vale em albufeira sinuosa, onde as águas límpidas e suaves vão beijando os pinhais circundantes. Ao fundo, as serras altas, algumas cobertas de neve. Estrada marginal, bordada de medronheiros, torgaíno florido, queiró e carqueja, leva-nos de novo ao fio de água que alimenta a lagoa. Povoação serrana surge inesperadamente. As casas antigas, em xisto, algumas cobertas ainda de ardósia, esperam por nós, envergonhadas, ao lado da meia dúzia de novas.

Em companhia do pároco entramos em algumas delas. Os moradores, por estes sítios, são, no geral, velhos e doentes. Os novos contam-se pelos dedos.

Este casal tem um filho doente mental. Começou a casa com esforço, mas parou a meio. Faltam os acabamentos. O labor e as economias de muitos anos estão aqui. Abrimos o livro de cheques do Património dos Pobres. O pároco vai ser o garante. Eles são ovelhas dele.

Deixamos esta povoação e seguimos para outra. Um monte rochoso as separa. Outro casal novo, dos raros por estes lados, tem metade da casita erguida com tijolo à vista e a outra metade apenas com os alicerces cheios. As doenças não deixam continuar. Mas irão prosseguir, que o Património dos Pobres é para aflições destas.

A dois passos, uma casita pequena, mas composta. O velho, trôpego, está no leito. A esposa anda à lenha, no monte, para a fogueira. Terminaram a casa em novos, mas sem o con-

forto do progresso. Não têm electricidade. Que alegria vai ser a deste casal idoso quando, em breve, bastar premir um botão para clarear a casita, em vez do fósforo para acender a candea! O cheiro do petróleo vai desaparecer para sempre. O sorriso do pobre enfermo, franco e meigo, bem o merece.

As ruas da aldeia são estreitas. Vamos um atrás do outro. A água geme debaixo das casas e corre pelas calçadas. Esta casa é muito baixa. Temos de nos acautelar com a padieira, de castanho. O fumo enegrece as paredes e as divisões, em madeira. A telha vã não deixa aquecer o ambiente. O telhado ameaça ruir. A dona da casa, de luto e sem saúde, quer prevenir a catástrofe. Pede uma ajuda. E com tão pouco se faz nascer, nesta viúva, a alegria da segurança e dum melhor conforto!

Deixamos esta povoação e vamos para outra. Perdidas nas serras, estas aldeias parecem, por vezes, castros antigos e desabitados, vistos de longe. Mas a vida

ainda teima em bulir, no seu interior. É um mexer fatigante, que é levado com muita paz. Aqui, ninguém corre nem tem pressa, como nas cidades. Habitados à dureza deste viver, tudo parecem suportar com serenidade.

Estamos na vertente norte da serra. O Sol passa fugidamente. Socalcos de oliveiras, e alguns castanheiros seculares, quebram a monotonia do pinhal. Não há ruas por aqui. Só becos tortos e cobertos de erva. O andar é arriscado. Mas vamos andando. Casal idoso vive com duas filhas. Uma é atrasada mental, mas já tem dois pequeninos. Também a casa é de telha vã, como tantas! O frio penetra pelas frinchas dos compartimentos. Pingos de orvalho tombam no chão. Um arrepiamento perpassa-me pelo corpo, só de pensar que as noites vêm, implacavelmente, todos os dias, enregelando estes inocentes que enganam o frio com o calor vindo da fogueira, mas a fugir por todos os poros da casa. Quanto não há que fazer por estes sítios!

A Bolsa é hoje atracção forte para muita gente. As suas variações perturbam e alegam. Ora, tens aqui uma nova forma de investimento, onde o capital tem juro constante e muito alto — o Património dos Pobres. Não se pode ter pressa. Mas o juro é de cem por cento.

Padre Baptista

## SETÚBAL

☆ Um emigrante, na Alemanha, chamado André, manda-me, de há tempos, todos os meses, cem marcos, do seu ordenado para distribuir pelos Pobres. Uma dádiva preciosa, pelo que representa de renúncia, de partilha e comunhão, sobretudo com os que vivem em aflições.

Hoje, escreve a dizer que vai enviar trezentos e que tem confiança que os não vou depositar na minha própria conta.

O André, olhe que os padres da rua, nenhum, tem bolsa própria, nem conta nem nada. Isso é um absurdo impensável. Todos vivem da mesa dos gaiatos, vestem e calçam o que lhes dão. São pobres. A pobreza é a sua «devoção» dominante.

O seu vale de 24.590\$00 não chegou para cobrir uma necessidade urgentíssima que me assaltou esta manhã: Uma mulher muito doente, com um rim paralizado e uma tuberculose óssea, abandonada pelo marido, avó-mãe de dois netos e mais uma filha desempregada, obrigou-me a ir a sua casa para ver.

Paguei-lhe seis meses de energia atrasada — 18.155\$00; de gás em dívida, igualmente 7.600\$00; para concerto dos óculos da netinha, 1.200\$00; e deixei-lhe, ainda por remir, duas cautelas da Caixa Geral de Depósitos, caução de todo o oiro da família, agravadas de juros no

valor de 30 contos, mais a dívida da farmácia. E olhe que tinha, em casa, receitas por aviar por falta de crédito.

Levei somente mais um bom avio de mercearia.

Agora, bate outra à porta. Doente esquizofrénica, rejeitada por todos, especialmente pelos irmãos de sangue que podiam e deviam socorrê-la, e de quem tenho, em casa, dois filhos. A semana passada dei para pagamento da contribuição predial da sua casa e outras dívidas atrasadíssimas, vinte contos. Não paga a água há vários anos e, com os juros, a soma vai em 37.000\$00. Quanto esta doente me tem levado!...

Olhe que eu dou dinheiro aos baldões!

☆ Numa destas tardes ocupadíssimas apareceu um homem com quatro filhos a pedir ajuda e consolo. A esposa, ainda jovem, fugiu de casa com uma criança de meses e o filho mais velho, de 12 anos, para outro homem.

Deixou-lhe quatro: duas meninas e dois rapazes, dos 3 aos 10 anos e... a casa vazia.

Saíu do trabalho, com licença patronal e vinha pedir socorro para as crianças até encontrar uma via de solução mesmo provisória.

Chorámos ambos. Ele, de dor. Eu, de comunhão e de impotência.

A tarde tornou-se sombria. Não descortinava nem o sol nem o sorriso de ninguém. Tudo era uma amargura de morte!

Ao passar à porta do hospital, vejo um dos meus, de 17 anos, agarrado a uma moça da mesma idade, a roçar a boca um no outro, em bebedeira cega de afectividade luxuriosa.

Apitei. Parei o carro e, lá de dentro, chamei-o em desespero. Tanta gente a venir! As multidões regressavam a casa ao fim do dia. Era uma paragem de transportes públicos.

Meu Deus!... Quem ensinou esta juventude a degradar-se assim?!... Quem é responsável por tantos desastres familiares?!... Uma grande parte dos males sociais que nos afligem têm aqui o seu princípio!... — e ninguém brada. O seu termo jamais acabará.

☆ As nossas Festas estão em grande azáfama. Os ensaios prolongam-se pela noite dentro e não há sábados nem domingos para os responsáveis.

O espectáculo do ano passado elevou-se a um nível artístico de grande responsabilidade e os rapazes não permitem que ele baixe.

A seguir à Páscoa começará a exibição. Esperamos visitar as terras costumadas e ter as casas cheias.

Padre Acílio

## CARTAS

«Ao ler um artigo n' O GAIATO de 14 de Janeiro de 1989 — «Livros de Pai Américo» — fiquei com curiosidade de adquirir o Notas da Quinzena, até porque nunca li nenhum livro do Padre Américo por quem tenho grande admiração.

Não sou assinante, mas o Ricardo, gaiato muito simpático e sempre sorridente, de quinze em quinze dias vai ter comigo ao local onde trabalho, pelo vosso jornal que leio, do princípio ao fim, com grande satisfação.

É curioso: Já há uns anos, comprou o GAIATO mas deixava-o fora (desculpem a minha franqueza) e, dum momento para o outro, Deus quis que começasse a lê-lo e, ao ver dificuldades para quererem acudir a todos, tocou-me no coração e, em Julho do ano findo, e também pelo Natal, enviei um donativo pedindo o anonimato. Gostaria de saber o preço dos outros livros de Pai Américo. Junto um selo do correio para me responderem.»

«Gosto de ler O GAIATO que mostra o mundo oculto que não é tão oculto como parece (...). A miséria, o abandono, os problemas, enfim, o mundo de cá que não vem à TV.

Assinante 43629»

# HABITAÇÃO — problema primeiro

Cont. da 1.ª pág.

em Lisboa», cujo preço base excede um milhão de contos. Se só os tectos falsos importam em tal quantia, quanto custará a estrutura fundamental à sustentação de pé do edifício, mais os acabamentos indispensáveis ao seu funcionamento? Será a obra em si, e os seus requintes, uma prioridade tal que justifique aquele milhão de contos em tectos falsos, milhão que poderia proporcionar tecto verdadeiro a mais de duzentas famílias que não têm?

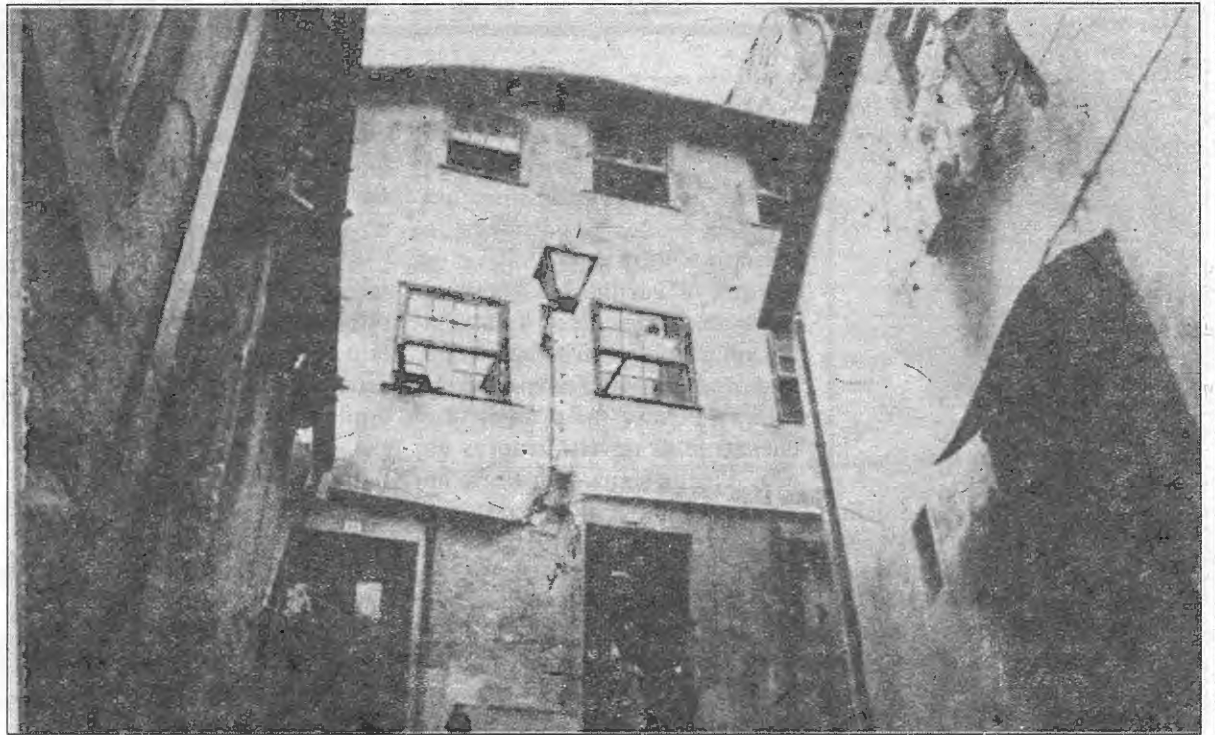
Pouco depois, visitei o n.º 110 da R. de Miragaia onde tem vivido aquela família muito falada pelos nossos casais vicentinos e muito correspondida por quem os tem escutado, para a qual, mesmo com esta admirável correspondência, ainda se não conseguiu encontrar outra morada. O prédio foi fidalgo. Paredes de granito, apesar de tão mal tratadas, a desafiar o tempo. O telhado, porém, ruiu. Os pavimentos e as escadas são uma temeridade, de inclinados e apodrecidos que estão. Viver ali é um permanente risco de vida, para não falar da incomodidade e da inaptidão à convivência familiar de quantos lá moram. Como me soaram a falso os tectos falsos da nova sede da C. G. D., por um milhão de contos que talvez bastasse para recuperar toda a degradação de Miragaia!

Que é do Direito da Família? Quem o defende?

Por breve tempo esboçou-se um pelouro que tinha a Família por objectivo: uma Secretaria de Estado. Deveria ter sido promovida a Ministério. Mas não; pouco tardou que não fosse reduzida a Direcção-Geral. E a esta, quem lhe ouve a voz? Que faz ela no concerto da coisa pública, a «puxar a brasa para a sua sardinha», que é o Direito da Família que a própria Constituição consigna; e nele o direito à habitação? Foi um naipe silenciado na orquestra da governação.

E aqui, concretamente nesta Zona Histórica do Porto, há outros interesses, de ordem cultural, que poderiam ser acordados para uma convergência que conduzisse à eficácia! A sonolência impera. A vontade não se vê.

«Faltam as verbas...» — diz-se. Mas então os arquitectos chamados a conceber a nova sede da C. G. D. não podiam ter prescindido dos tectos falsos sem que em nada perigasse a funcionalidade do edifício e a segurança do dinheiro de quem o lá tem?... E aí teríamos uma verba significativa para novos tectos, para quem os não tem. Porque o milhão existe e vai ser gasto! Só que o não ter desperta menos atenção. Sobre o ter mais geralmente se debruçam as leis e os decretos e os despachos



Um milhão de contos... talvez bastasse para recuperar toda a degradação de Miragaia (Porto)!

e as regulamentações. Sobre o ter crescem sempre novos projectos... nem que de tectos falsos! Ter algo é princípio de ter mais — e está certo! Nada ter é «ponto morto». É declive por onde se escorrega sem fim. Só arrancando dele há movimento progressivo!

Quantas famílias portuguesas definham por falta de um tecto condigno! Não será esta constatação argumento bastante de prioridade?

Padre Carlos

## AQUI, LISBOA!

«Não tenhas medo de empobrecer, com o dar a gente pobre; justamente por não terem feito caso dessas classes é que muitos ricos do mundo têm empenhado jóias, vendido brazões, conhecido a fome — empobrecer. Não. Deus acrescenta a vida dos que sabem repartir. Mesmo que a roda desande, se o movimento vem do Alto, é sempre acrescentar!» (Pai Américo)

A mensagem quaresmal do Santo Padre aborda, este ano, o trágico problema da fome no mundo, questão que deve preocupar todos os homens, mormente os cristãos, que têm aí vasto campo para explicitarem a sua fé.

Mau grado o progresso material e científico e de tanto se falar dos direitos humanos, a verdade é transparente: milhões de homens passam as maiores privações. Entretanto, sem receio de exagero, podemos afirmar serem evidentes os sinais de esbanjamentos escandalosos, sobretudo, no chamado grupo dos países desenvolvidos, onde, aliás, largas franjas, enquadradas no «quarto mundo», sobrevivem a custo, com as carências mais dispare.

A fome é, antes de mais, um problema moral. Se o espírito de entreatada existisse, se a solidariedade fosse um facto, se a justiça fosse uma realidade, tudo seria diferente. Como explicar a destruição de toneladas de géneros, por exemplo, só para manter determinados níveis de preços, enquanto legiões de famintos chegam à inanição ou sucumbem?

Infelizmente, apesar da conversa de muitos homens poderosos e detentores do poder, a sofreguidão continua, sem que se vislumbrem passos claros no sentido de encarmos todos, de mãos unidas, este e outros problemas vitais da humanidade. Não faltam espaços nem técnicas ou outros meios para resolver o problema da fome. Assim o quisésemos. Mais fácil é matar inocentes, utilizando processos sofisticados, ou impedir o seu nascimento, que isso vai enchendo os bolsos de alguns ou engordando multinacionais do crime e da degola, passe a expressão, fomentando, por outro lado, o egoísmo das pessoas e das sociedades.

E em Portugal, como irão as coisas, é caso para nos perguntarmos? Sem receios de qualquer espécie, podemos assegurar que a fome existe em certos sectores da população, nomeadamente nas zonas interiores e das partes degradadas das periferias dos grandes centros. Falamos de fome quantitativa, que da qualitativa será escusado tratar, por tão evidente que é. As amostragens feitas nas nossas Casas são por mais evidentes e conclusivas.

Pensamos que ninguém deve afastar das suas preocupações a grave questão em causa, fazendo o que for possível para a minorar. Todos somos obrigados, em consciência, a contribuir para matar a fome ao nosso semelhante sobretudo ao Próximo mais próximo. Ao contrário, será de recordar o pensamento de Plauto — *Homo homini lupus* — e a história do homem rico e do pobre chamado Lázaro...

☆

O Senhor Cardeal Patriarca, na sua mensagem de Quarta-Feira de Cinzas, na esteira do Santo Padre, aborda a mesma temática — a da fome no mundo — e termina por lançar um apelo veemente no sentido da renúncia quaresmal dos cristãos do Patriarcado se destinar à construção duma casa para os sacerdotes envelhecidos ou doentes, muitas vezes sem família, e que após uma vida de sacrifício e de renúncia, totalmente dedicada às suas comunidades, não têm onde se recolher e ser tratados com carinho e atenção. Fazemos nosso este apelo e convidamos os cristãos do Patriarcado à generosidade.

Padre Luiz

## PÁSCOA

Cont. da página 1

anunciarem a Ressurreição do Senhor, as telhas já terão poitado nas traves que as esperam.

Sim, a Páscoa é um mistério comunitário. Deus estende-nos a Sua mão; é, porém, a mão do Crucificado, essa mão que nos transmite o calor frio de Jesus, que nos leva à contemplação do Seu Mistério, da Solidariedade do querido Papá (Abba) compadecido da dor que nos acompanha. Estende-nos a mão do Crucificado para estendermos a nossa também.

O João veio há cerca de mês e meio. Os seus 8 anos cheios de vida não deixam ler, ao primeiro contacto, a história do garoto da rua, abandonado, conhecedor das tascas e lugares parecidos, da cidade de Setúbal.

O pouco tempo que esteve na nossa Casa do Gaiato de Setúbal foi o suficiente para pôr à prova toda a sabedoria de que a rua é pródiga e que o João bebeu com a sua inteligência precoce, seus olhos vivos e sua cara simpática. O João é um exemplo típico do garoto da rua. Veio para a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa para estar mais longe do ambiente que o não deixava sossegado.

Pegamos na cruz deste pequenino da rua. Levamo-la, mais ele, com todo o carinho. O João já vive a alegria da Páscoa da Ressurreição. Ontem, à noite, despedia-se de mim com um «até amanhã; durma bem!»

Que Páscoa mais feliz posso desejar que a tua Páscoa, querido João!

Padre Manuel António

## CALVÁRIO

Continuação da pág. 1

daqueles que viviam nos lares do Estado.

Sempre aos domingos nos sentávamos à mesa seis e, no fim, ao darmos graças, éramos de quinze a vinte.

Bela e profunda a palavra «Partilha», mas somente válida quando, de facto:

Se reparte o pão!

Se partilha o espaço!

Se acolhe o irmão!

Se trata o doente!

E veste o nu!

A mesa era comprida e o banco encostado à parede. Era preciso o aperto para dar lugar. «Encosta p'ra lá» — dizia sempre o «Primo Velho».

Lugar no banco, na mesa e no peito! Dimensão evangélica.

Dar o pão que nos sobra, o vestido que não queremos e as moedas ao pedinte, pode não conter esta dimensão.

Há partilhas e histórias que não vêm contadas no Evangelho.

Verdadeira Páscoa e espaço!

Espaço do Senhor!

Padre Telmo



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285  
Fotocomp. e Imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898